

Modo de vida. A religiosidade é uma marca de quem não tem um lar

Eles não têm nada, mas são os donos da rua

FOTOS: RICARDO MEDEIROS

Moradores de rua apropriam-se do espaço urbano, onde constroem seus lares e suas identidades

MAURÍLIO MENDONÇA
mgomes@redgazeta.com.br

■ ■ Fazer da rua seu lar. Conviver com pedestres, motoristas, comerciantes. Ocupar espaços não-usados ou usados por todos e, assim, ouvir reclamações diárias. Ver no olhar do outro a situação de exclusão em que se encontra. Para muitos, é a vida fácil; para quem está nessa situação, morando nas ruas, a necessidade; e para quem trabalha com essas pessoas, sinônimo de muita dificuldade de convencimento.

No caso de Edvaldo Santos, 31 anos, conhecido como Saci, são 17 anos vivendo dessa maneira. Nascido em Teixeira de Freitas, na Bahia, fugiu de casa muito jovem. "Não me dava bem com minha família", resume. Está há oito anos dormindo debaixo da Ponte de Camburi, em Vitória, e hoje divide o espaço com, pelo menos, outras dez pessoas.

Medo da rua ele diz que não tem mais. Essa força, segundo Saci, veio da fé e da experiência. Nas paredes de sua casa, ele escreve trechos da Bíblia que achou na rua e que guarda dentro da caixa de engraxate, de onde tira seu sustento. Uma vez por semana, vai à Igreja Deus é Amor que fica na Praia do Canto. Uma das frases escritas - "Diz o preguiçoso: serei morto no meio das ruas" - chama a atenção. "Escrevo o que leio e acho que está próximo do meu dia-a-dia", conta Saci.

IDENTIDADE

A religião e os apelidos servem de identificação para o grupo. Berimbau e Roberto Carlos, por exemplo, têm as igrejas do Rosário, na Praia, em Vila Ve-

ro, que conhece tudo, que é o dono do local. Também afirma estar na quinta vida aqui na Terra. Quem usa o ponto para esperar por um ônibus fica incomodado pelo cheiro, por sua roupa suja, pelas baforadas do cigarro (acendido um atrás do outro). Às vezes, Silva solta umas frases perdidas: "Era dono de um castelo. O rei. Tomaram-me tudo". Outras vezes faz avaliações críticas da sociedade: "Um mundo perdido, mas que não pára, nem para olhar para o lado."

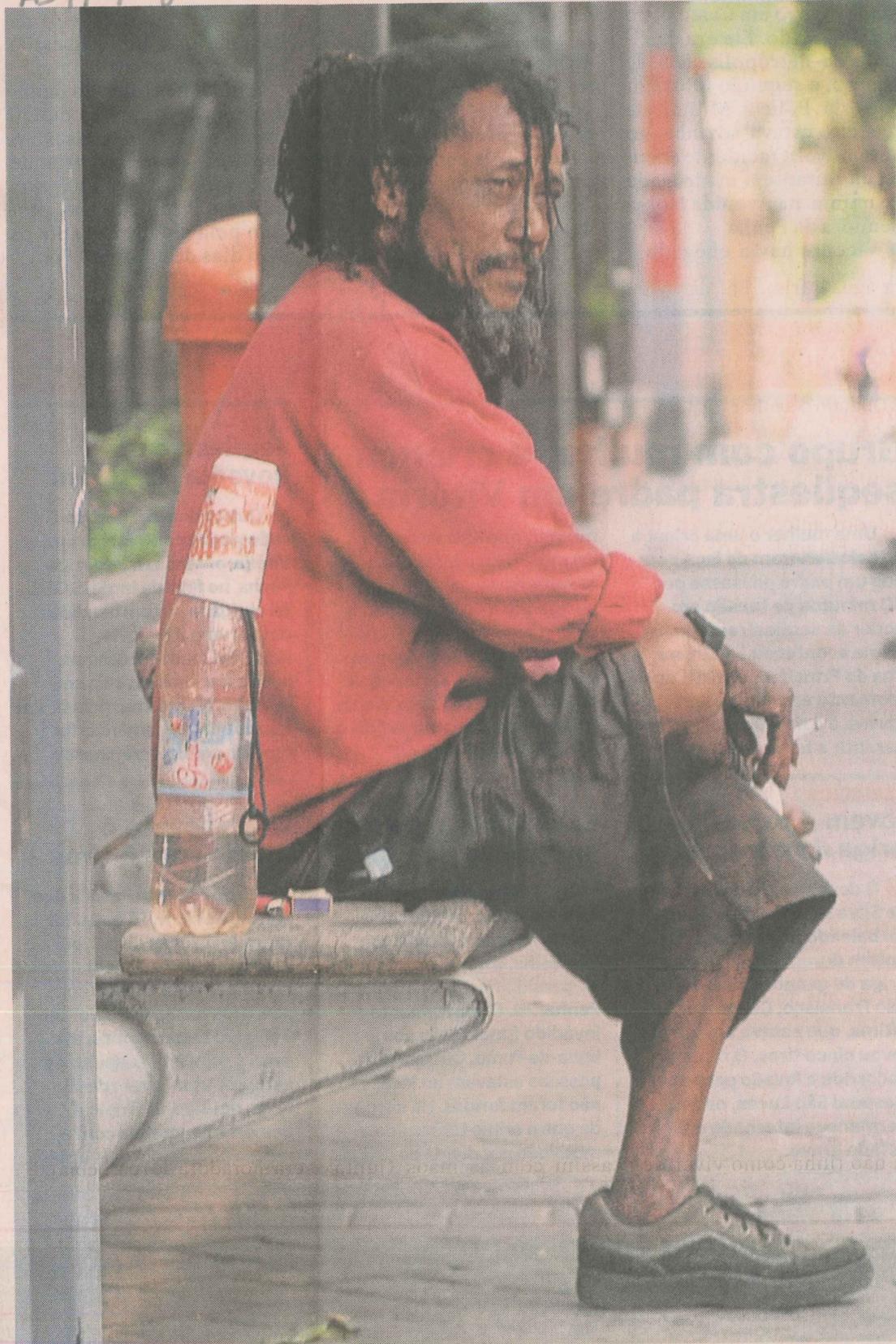
INCÔMODO

Assim como ele, é comum moradores de rua provocarem incômodo para quem passa a seu lado. Não é a toa que muitos preferem se isolar, ficar em locais públicos não-habitáveis, como debaixo de pontes ou em casas e terrenos abandonados. Em Vitória, não é de hoje que o antigo Terminal Aquaviário Dom Bosco é usado por pessoas que vivem da rua. Dizeres nos restos das paredes dos banheiros e guichês indicam que o espaço é usado para o sexo. Recentemente, até barracas foram improvisadas como quartos no local.

Quando não há proteção, serve uma marquise, uma árvore... Afinal, cada local da rua tem sua função. A tal ponto que o difícil é convencê-los de que esses cômodos, livres de paredes, podem ser substituídos por um lar de alvenaria e telhado.

"Quanto mais tempo o morador fica na rua, mais difícil é convencê-lo a sair dela. E a única forma é o convencimento", afirma Anabel Araújo Gomes Pereira, gerente de Atenção aos Migrantes e à População em Situação de Rua.

"O morador perde o medo da rua. Sabe como conseguir dinheiro, comida, consegue proteção. É difícil fazê-lo sair, mas não impossível", completa o educador social da Se-



Grupos preferem permanecer sem teto

Mesmo com abertura de abrigos, sete em cada dez moradores de rua preferem dormir na rua

■ ■ Apesar da presença cada vez mais numerosa de abrigos e casas de apoio para adultos que estejam em situação de rua, grande parte do grupo permanece longe desses espaços de ajuda. Sete em cada dez pessoas que vivem na rua costumam também dormir nela. Além disso, 8% intercalam o espaço com os albergues.

Os dados são de uma pesquisa nacional feita pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, mas representam bem a realidade no Estado.

"Aos poucos, conseguimos vencer mais moradores a sair das ruas e a aceitar nossa ajuda. Aumentamos o número de albergues, e casas de ajuda e os espaços, em determinadas épocas, lotam", conta Anabel Araújo Gomes, gerente de Atenção aos Migrantes e População em Situação de Rua de Vitória.

Na pesquisa, 46,5% disseram que preferem dormir na rua. Esses afirmam que não gostam dos albergues devido à privação de liberdade, aos horários estabelecidos e à proibição de uso de álcool e drogas. "Na rua, eles podem tudo. Nos abrigos, não. É isso que dificulta mais a negociação, e o problema fica pior quanto mais tempo essa pessoa vive na rua", explica Anabel.

Para complicar esse trabalho de convencimento, praticamente a metade dos entrevistados dorme na rua ou em albergues há mais de dois anos.

"Com o tempo, eles aprendem onde conseguir dinheiro e comida, o que precisa fazer para ter o que quer. Ele se sente à vontade no local e perde o medo; o que dificulta nosso trabalho", avalia Euclério Santana Rodrigues, educador social da Secretaria de Ação So-

IDENTIDADE

A religião e os apelidos servem de identificação para o grupo. Berimbau e Roberto Carlos, por exemplo, têm as igrejas do Rosário, na Prainha, em Vila Velha, e de Santa Rita de Cássia, na Praia do Canto, em Vitória, como ponto de referência na rua. O primeiro – Paulo Sérgio Machado – vive pelas ruas da Prainha há, pelo menos, 12 anos. Hoje mora dentro de um dos quiosques abandonados no parque do bairro. O local até lembra um lar, com poltrona e um colchão de casal. A vassoura mantém o espaço sempre limpo, como se fosse receber visitas. E aos domingos ele não perde a missa.

“Santa Luzia vem sempre em primeiro lugar”, conta. “Sou uma pessoa de bom humor, eu acho. Mas quando xingam a Deus... Fico muito irritado. Não gosto disso”, completa. A devoção à Igreja Católica é uma das características que favorecem a boa relação dele com a comunidade do bairro. Para Ricardino Gomes, o Roberto Carlos, a igreja funcionava como proteção e garantia da esmola. Há mais de 25 anos, ele chegou à Praia do Canto e instalou-se próximo à Igreja de Santa Rita de Cássia. “Ainda era de madeira”, lembra.

OCUPANDO ESPAÇOS

Saci, Berimbau e Roberto Carlos (que adorava cantar as músicas do Rei) são apenas três de um total de 731 pessoas que vivem a maior parte do tempo nas ruas de Cariacica, Serra, Vitória e Vila Velha. Algumas são atendidas por abrigos municipais ou casas de apoio. Mas grande parte dorme, come, toma banho, faz tudo em via pública: seja embaixo de pontes, viadutos, em terrenos e casas abandonadas, seja no banco da praça mesmo. Até ponto de ônibus é ocupado por eles.

Carlos Gabriel da Silva, por exemplo, que diz ter nascido em 1945 e ser tenente do Exército, vive num abrigo de ponto de ônibus na Praia do Canto, bairro nobre de Vitória, bem no meio da Rua Aleixo Neto (um dos metros quadrados mais valorizados no Estado).

Ali ele passa boa parte do dia. Diz que vive há 30 anos no bairro

ção em Situação de Rua.

“O morador perde o medo da rua. Sabe como conseguir dinheiro, comida, consegue proteção. É difícil fazê-lo sair, mas não impossível”, completa o educador social da Secretaria de Ação Social de Vila Velha, Euclério Santana Rodrigues.

Roberto Carlos, hoje, é um exemplo dessa persistência. Vive num abrigo de Vitória, em Maria Ortiz, há oito meses. Trocou a liberdade da rua pela segurança de uma casa. “Aqui tenho comida e cama. Na rua, estão matando muita gente, queimando. Não vale a pena”, conta. Mas quando bate a saudade ele pede para voltar à Praia do Canto nem que seja por apenas um dia.

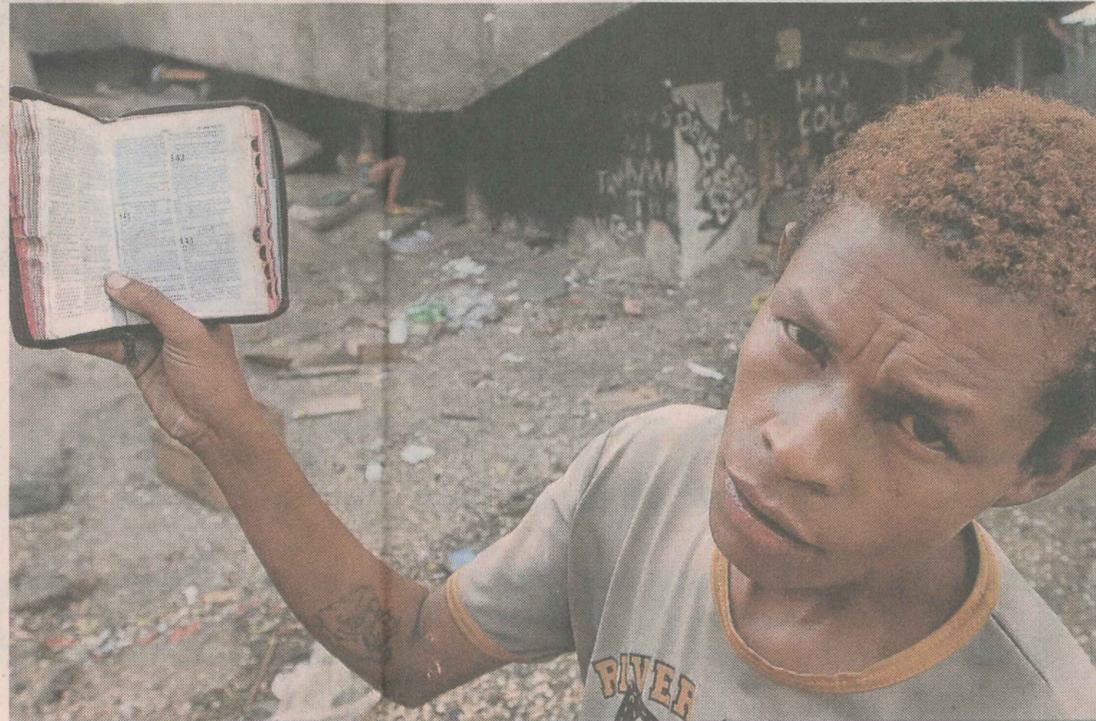
■ ■ ASSISTA NA WEB
Veja vídeo desta reportagem no www.gazetaonline.com.br/agazeta

Homens são a maioria nas ruas das cidades

■ ■ A população adulta em situação de rua é composta, majoritariamente, por homens com idades entre 25 e 44 anos, sendo que sete entre dez deles sabem ler e escrever e exercem alguma atividade remunerada. O maior motivo apontado por eles para continuar na rua é a liberdade. Afinal, não há restrições de horários nem do que se deve fazer ou não. Estabelecimentos comerciais e shoppings centeres são apontados por mais de 60% dos moradores como os locais em que mais sofrem discriminação. Eles ainda citaram transporte coletivo, bancos, órgãos públicos e a rede de atendimento de saúde. As informações são da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, feita entre agosto do ano passado e março deste ano, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. O levantamento abrangeu 71 cidades brasileiras, sendo 23 capitais.



PROPRIEDADE. Carlos vive em um ponto de ônibus na Praia do Canto e se diz o dono do local



FÉ. Edvaldo vive há 17 anos nas ruas. Nas paredes da ponte, ele deixa mensagens da Bíblia



QUASE UM LAR. Paulo Sérgio montou sua casa, que é varrida todos os dias, na Prainha

e comida, o que precisa fazer para ter o que quer. Ele se sente à vontade no local e perde o medo, o que dificulta nosso trabalho”, avalia Euclério Santana Rodrigues, educador social da Secretaria de Ação Social de Vila Velha.

Abrigos municipais

VILA VELHA

■ ABRIGO JOÃO CALVINO:

ENDEREÇO: RUA CORONEL LUIZ ABEIRA, Nº 13, DIVINO ESPÍRITO SANTO
TELEFONE: 3149-9498

■ ABRIGO BOM SAMARITANO

ENDEREÇO: RUA MOACYR MOTTA, Nº 7, SANTA RITA
TELEFONE: 3391-5044

VITÓRIA

■ ALBERGUE NOTURNO PARA MIGRANTES BEZERRA DE MENEZES

ENDEREÇO: AVENIDA DÁRIO LOURENÇO DE SOUZA, S/N, MÁRIO CYPRESTE (DE SEGUNDA-FEIRA A DOMINGO, DAS 7 ÀS 19 HORAS)
TELEFONE: 3132-7054 / 3223-8269

■ CENTRO DE ATENDIMENTO DIA (CAD)

ENDEREÇO: AVENIDA DÁRIO LOURENÇO DE SOUZA, S/N, MÁRIO CYPRESTE
TELEFONE: 3132-7053

■ ABRIGO PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

ENDEREÇO: RUA PROFESSOR DORALICE DE OLIVEIRA NEVES, 350, MARIA ORTIZ
TELEFONE: 3317-2171

■ HOSPEDAGEM NOTURNA

ENDEREÇO: AVENIDA PAULINO MÜLLER, Nº 1.213, JUCUTUQUARA (TODOS OS DIAS, DAS 18 ÀS 7 HORAS)
TELEFONE: 3233 0932

■ CASA LAR I

ENDEREÇOS: AVENIDA PAULINO MÜLLER, Nº 402, JUCUTUQUARA
TELEFONE: 3222-5921

■ CASA LAR II

ENDEREÇOS: RUA JÚLIA LACOURT PENNA, Nº 866, JARDIM CAMBURI
TELEFONE: 3317-4632